



Recebido em 07/05/2023

Aceito em 08/12/2023

DOI:10.26512/emtempos.v22i42.48539

ARTIGO

A difusão da figura lendária de Alexandre, o Grande através do Romance Grego, e sua relação com o conto maravilhoso

The diffusion of the legendary figure of Alexander the Great through The Greek Alexander Romance and its relation to the Folktale

Stephany Guedes Krause

Mestre em Metafísica pela Universidade de Brasília

<https://orcid.org/0000-0002-8418-4454>

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo abordar a difusão da figura lendária de Alexandre, o Grande, através do Romance de Alexandre, e como a relação de correspondência dessa obra com alguns arquétipos dos chamados contos maravilhosos formou um vetor primordial para a difusão da ideia do conquistador macedônio como herói lendário dentro das camadas da sociedade. Para tal comparação, usa-se a classificação das estruturas apresentadas por Vladimir Propp em “*A Morfologia do Conto Maravilhoso*” (1969). O texto aborda ainda sobre como cada época, desde a Antiguidade até a Contemporaneidade, descreveu seu próprio Alexandre através de diferentes tradições textuais e vicissitudes temporais de cada autor.

PALAVRAS-CHAVE: Romance de Alexandre. Conto Maravilhoso. Alexandre, o Grande.

ABSTRACT: The present article aims to discuss the legendary figure of Alexander the Great through The Greek Alexander Romance, and how the likeness relationship of the book with some models of the so-called folktale shaped a primary vector of the Macedonian conquer idea, as a legendary hero, within society. The structural classification presented by Vladimir Propp's *Morphology of the Folktale* (1969) is therefore used for such comparison. The text also discusses how each time period, from ancient times until contemporaneity, described its own Alexander by different text traditions and by their authors' temporal vicissitudes.

KEYWORDS: The Alexander Romance. Folktale. Alexander the Great.

Intimações de Imortalidade

Conspiração e envenenamento, alcoolismo, malária ou síndrome de *Guillain Barré*¹: seja qual for a forma, Alexandre se despediu do mundo tangente aos 33 anos,

¹ Ver HALL (2019).

em 323 AEC, tendo a Babilônia como sua última morada. Sua memória, no entanto, se mostrou mais perene.

A construção da figura lendária de Alexandre, o Grande é um processo gradual que perpassa por três grandes fatores: trajetória marcante, autopromoção e variedade textual.

Ao longo dos séculos, vários autores, de diferentes lugares, se propuseram a escrever sobre sua vida e conquistas, cada um subjugado a alteridade de seu tempo, espaço e influência. Além disso, o contexto político-social no qual os textos foram recebidos também influenciou em como essa personalidade foi absorvida e interpretada.

A figura de Alexandre não muda apenas de forma geográfica, mas também de modo temporal: cada época fez seu próprio Alexandre, visto que na tradição hebraica torna-se pregador e profeta; nas versões posteriores do grego koiné e siríaco, enfatiza-se sua obediência fiel a Deus. Mais tarde, já no medievo europeu, ele é um exemplo de cavaleiro; para os persas, ele é tanto um “maldito” por ter destruído os altares do Zoroastrismo, quanto um rei legítimo da Pérsia (STONEMAN, 1991, p. 2). Esse processo tem início já nas fontes antigas e se desdobra até nos textos e autores contemporâneos.

A respeito das fontes antigas que abordam a vida de Alexandre, existe uma questão paradoxal: se por um lado há escassez de obras completas contemporâneas ao macedônio, por outro a historiografia está bem servida de frações desses escritos. (GREEN, 2007, p. 19). De característica fragmentária, esses textos frequentemente apresentam interpretações heterogêneas e conflitantes da figura de Alexandre (BADIAN, 2012, p. 297; GREEN, 2007, p. 19). Além das obras com transcrições diretas desses fragmentos, existem ainda aquelas que são “versões condensadas”, uma espécie de compêndio “editado” por autores tardios (GREEN, 2007, p. 20), sendo o Epítome de Pompeu Trogo o mais emblemático desse caso.

Ao longo da campanha pela Ásia, Alexandre foi acompanhado por uma comitiva bastante variada de intelectuais e estudiosos de diversas áreas, incluindo bematistas (βηματισται) que anotavam os avanços da expedição diariamente, além de um historiador oficial, Calístenes (sobrinho de Aristóteles por casamento), escritores e filósofos, como Onesícrito (chefe timoneiro de Alexandre) e Anaxarco (filósofo e companheiro de Alexandre) e outros profissionais que estudavam a geografia, fauna e etnografia das regiões onde passavam (STONEMAN, 1997, p.25).

Além dos encarregados oficiais, companheiros e generais de Alexandre também deixaram relatos semibiográficos, sendo Ptolomeu (comandante e fundador da dinastia lágida no Egito), Aristobulo (oficial de baixo escalão) e Nearco (comandante da frota de Alexandre) os mais conhecidos (GREEN, 2007, p. 20-21). Como destaca Peter Green (2007, p. 21), “todos esses, nem é preciso dizer, embora ostensivamente oferecessem relatos objetivos, tinham diversas campanhas particulares, interesses velados e contas a acertar”. Estes relatos primários deram origem a uma camada de fontes secundárias produzidas ainda na antiguidade.

Esse corpus textual de fontes secundárias sobre Alexandre, é representado basicamente por cinco autores, e seus textos se dividem em duas tradições: a cortesã, e a Vulgata. A tradição cortesã coloca em evidência os eventos políticos e régios da vida de Alexandre, destacando seu caráter estrategista e suas virtudes. Ela tem como principal representante Arriano, que por sua vez usou como fonte Ptolomeu e Aristobulo, ambos considerados confiáveis por Arriano (ca. 92 – 175 EC) por serem relatos ligados à realeza. Essa tradição ganhou primazia nos estudos alexandrinos a partir do século XX por ter sido privilegiada por autores contemporâneos.

A Vulgata, ou tradição comum, é representada por Quinto Cúrcio (séc. I EC), Diodoro Sículo (ca. 90 AEC — 30 AEC) e Justino (séc. II EC), autores que tendem a destacar os eventos de maior apelo popular, passagens romanceadas e fantásticas. Os autores da Vulgata basearam-se no relato primário de Cleitarco como fonte para suas obras.

Por fim, existe ainda Plutarco, que não entra de fato na tradição vulgar, mas que se propõe a fazer uma biografia da personalidade de Alexandre. Ele escreveu uma série de biografias em pares, sendo sempre uma personalidade grega e uma romana, denominada Vidas Paralelas. Em Vida de Alexandre, Plutarco se preocupa em ilustrar o caráter de Alexandre ao dar destaque a episódios, independente da grandiosidade, que revele seu gênio e sua personalidade, e não apenas narrar de fato sua cronologia. Além do trabalho biográfico, Plutarco também tratou da personalidade do rei em suas obras morais.

Os autores contemporâneos também não fogem a essa regra. Os dois primeiros autores modernos a dar tratamento crítico para a história de Alexandre são Johann Gustav Droysen (1808-1884) e William Woodthorpe Tarn (1869-1957).

Droysen, com seu ufanismo prussiano e suas crenças monarquistas, dá a Alexandre a vestimenta de um herói nacionalista, claramente sob influência do contexto da unificação alemã. Para o autor, “o rei macedônio Filipe II foi - através da guerra e da diplomacia - o grande unificador das cidades-estado gregas, e seu filho, Alexandre, o agente da expansão da civilização grega” (BORZA, 2012, p. 14). Ele trata Alexandre como o principal agente do helenismo, a figura que promoveu a fusão da cultura grega com a asiática. Claramente uma visão afetada pela promoção que o próprio Droysen fazia da unificação dos estados alemães e do poder da cultura alemã. Apesar de grande parte de seus argumentos terem sido refutados, a ideia de Alexandre como grande impulsionador persistiu e influenciou gerações de pesquisadores alemães, e encontrou ecos em Tarn (BORZA, 2012, p. 15).

A visão que William Woodthorpe Tarn estabelece sobre Alexandre é uma construção influenciada pelo seu contexto social pretensioso, “não sendo mais do que uma conveniente e utópica apropriação britânica da leitura de matriz hegeliana da história do helenismo”, como destaca Sant’Anna (SANT’ANNA, 2020, p. 13).

Tarn é quem inicia a ideia de duas grandes tradições antigas sobre as fontes alexandrinas, pois ele prioriza o relato de Arriano, e suas caracterizações régias, em detrimento dos autores da Vulgata, que apresentam os aspectos mais “apelativos” da

vida do rei. O autor escreve de um contexto rural escocês, e revela um Alexandre cavalheiresco, honrado e afeito ao desporto, práticas associadas ao elitismo da nobreza inglesa. Através dessa construção, ele rejeita a versão de um Alexandre com excessiva sede de vinho, bissexual, desonesto e devasso, como Alexandre é descrito na Vulgata.

O esquema das duas vertentes de Tarn, apesar de didática em termos de organização, é problemática pois, do modo que ele propôs, priorizando a narrativa de Ptolomeu e Aristóbulo em detrimento de Cleitarco, apenas por uma questão de lugar de fala dos autores, deu origem a uma estrutura elitista e presunçosa que subjuga as fontes populares como não realistas, enquanto promove o relato de Arriano como o mais crível por conta de suas referências.

Essa versão idealista de Alexandre vai se expandir ao longo dos anos e definir o imaginário popular até a atualidade. Porém essa visão sofre forte refutação com a chegada do texto de Ernst Badian (1925-2011), na segunda metade do século XX.

A crítica de Badian sobre a obra de Tarn é que ele muitas vezes deturpava, ou ignorava as evidências antigas para colocar suas próprias ideias. Ele mostrou ainda que Tarn muitas vezes usava de uma “interpretação imaginativa livre onde suas restrições e precisão são cansativas, e uso vago de palavras carregadas de emoção” (BORZA, 2012, p. 1). Para Borza:

O trabalho de Badian começou a modificar a interpretação alemã padrão, não negando a importância de Alexandre como uma importante figura histórica, mas examinando em detalhes as opiniões de Tarn e outros que promulgaram uma visão de Alexandre como um rei-filósofo (BORZA, 2012, p. 15).

A versão de Badian descaracteriza Alexandre de todos seus objetivos filosóficos e culturais tão populares e enfatizados por outros estudiosos da época. Além de minimizar o helenismo como força motivadora do macedônio, o autor destaca que o sucesso militar e as conquistas é que justificam o seu desempenho (BORZA, 2012, 16).

Apesar de uma infância e juventude promissora, no contexto da sucessão que se deu com a morte de Filipe, o jovem Alexandre estava cercado por um conselho sênior que precisava ser convencido, sendo assim as conquistas e os sucessos de Alexandre fora o principal meio de se provar apto para sustentar o trono da Macedônia.

Badian quebra a visão romântica construída até o momento, estabelece novos padrões e estreia uma abordagem crítica a experiência alexandrina na Ásia. Inclusive ele mesmo afirmou jamais escrever uma biografia de Alexandre, preferindo analisar questões históricas específicas, uma espécie de “autópsia das evidências” (BORZA, 2012, p. 17). Um dos riscos em se escrever biografias, é limitar e dar forma a seu objeto, deixando-o preso em padrões, e esse, possivelmente, foi o caso de Badian, como afirma Borza:

A maioria dos biógrafos discerne padrões no comportamento de seus temas suficientes para criar um retrato arredondado. Badian raramente parecia interessado nisso, preferindo lidar com Alexandre em termos de suas ações. Talvez ele tenha reconhecido que um dos riscos da biografia é que o biógrafo, tendo criado um retrato de seu tema, corte o perigo de forçá-lo a se conformar ao padrão que desenvolveu (BORZA, 2012, p. 17).

Ainda sobre a roupagem que Badian atribui a Alexandre, Richard Stoneman destaca que a obra de Badian “foi profundamente influenciada pela visão da ascensão nazi ao poder e ao totalitarismo”, portanto ele o interpreta como um tirano cruel e sem piedade e características redentoras, principalmente no que tange os acontecimentos de seus últimos anos (STONEMAN, 1997, p. 35).

Seja na antiguidade ou na contemporaneidade, parte do processo que trouxe Alexandre como grande personagem até a atualidade é de responsabilidade dos autores, principalmente, se voltarmos a questão que as fontes são secundárias e tardias. Sobre essa questão, Bosworth diz:

Na superfície, aparece uma rica veia de memórias contemporâneas, obras dos tenentes de Alexandre e contemporâneos mais humildes: Ptolomeu, Aristóbulo, Nearco, Onesícrito e Cleitarco, todos escreveram obras significativas, mas todas são conhecidas apenas por autores derivados escritos séculos depois, quando o objetivo era o embelezamento literário, não a reportagem factual (BOSWORTH, 2000, p.25).

O outro aspecto que colabora com a construção da figura de Alexandre é o processo de autopromoção que ele próprio empregou durante a vida, pois sua grandiosidade não foi resultado apenas de uma construção tardia de autores romanos, mas um esforço de propaganda e imagem produzido por ele mesmo ainda em vida. Prova desse controle e curadoria que ele queria ter sobre sua imagem é o emprego de Calístenes como historiador (assim como Homero foi para Aquiles), Lísipo como escultor, Apeles como pintor e Pyrgoteles como lapidador (ANSON, 2021, p. 14).

O controle de sua imagem era algo tão regulado que, como se não bastasse o emprego de especialistas próprios, através de decretos, eles também foram os únicos autorizados a retratar o físico do rei (Plut. *Vit. Alex.* IV, 1). A respeito disso, Anson declara que “Alexandre não foi apenas uma lenda em seu próprio tempo, mas também uma lenda em sua própria mente” (ANSON, 2021, p. 14).

Se pelo lado da historiografia é possível apresentar o Alexandre rei, conquistador macedônio e estrategista, por outro, fontes fictícias e populares construíram o herói lendário, o cavaleiro honrado e filho de Amon. Apesar desse segundo caminho ser influenciado pelas fontes da Vulgata, seu principal vetor é provavelmente o Romance de Alexandre.

O Romance de Alexandre (doravante RA) como texto ficcional popular no medievo, marcou a figura do macedônio como um personagem de uma obra que encontra correspondência nos arquétipos do conto maravilhoso, haja visto que o RA é considerado o precursor do romance de cavalaria, gênero literário marcado por histórias fantásticas de um herói, ressaltando suas proezas e façanhas ao longo de aventuras.

O Romance de Alexandre

O RA é o nome de uma coleção geral de histórias ficcionais e fabulosas acerca da vida de Alexandre, que ajudou a difundir a tradição imaginária e mitológica que se

criou sobre sua figura. O texto grego do RA tem uma composição complexa, fragmentada, duradoura e, de certa forma, coletiva. Conta com algumas recensões que deram origem a várias versões em diversos idiomas.

A primeira versão consolidada conhecida foi provavelmente composta em Alexandria no séc. III EC (KROLL, 1926, introdução, p. XV), porém, a data de elaboração da versão mais antiga deve ter ocorrido pouco depois da morte de Alexandre.

A formação da lenda como conhecida consiste num processo gradual. As circunstâncias de sua origem são controversas. Se o primeiro texto data do séc. III EC, a composição deve ter ocorrido entre a morte de Alexandre em 323 AEC, e o séc. III, ou seja, um período de 600 anos. De toda forma, essa história evoluiu constantemente ao longo dos séculos, com novos episódios sendo adicionados geração após geração (STONEMAN, 1991, p. 08).

Sobre a autoria do texto, a variedade de candidatos que aparecem ao longo dos anos é quase tão diversa quanto as recensões que existem do RA. Enquanto Valério atribuiu a obra a Esopo, e manuscritos armênios a Aristóteles, outros manuscritos do século XV colocam o historiador Calístenes de Olinto (c. 360 AEC - c. 328 AEC) como o autor, e assim ficou marcado pelos historiadores modernos (WOLOHOJIAN, 1969, introdução, p. 1). Porém, apesar de Calístenes ter levado a autoria, é possível que o verdadeiro Calístenes tenha sido preso e morto por ordem de Alexandre em razão da “conspiração dos pajens”, na Bácia, como descreveu Plutarco:

O próprio Alexandre, nas cartas que logo na altura escreveu a Crátero, Átalo e Alcetas, diz que os rapazes confessaram sob tortura que a conspiração tinha sido da sua inteira responsabilidade e que não havia mais ninguém implicado. Só mais tarde, numa carta que escreveu a Antípatro, ele envolveu também Calístenes no crime, ao afirmar: ‘Os rapazes foram apedrejados até à morte pelos Macedónios; mas o filósofo quem o vai castigar sou eu, juntamente com quem o mandou ter comigo e com quem acolhe nas suas cidades os que conspiram contra a minha vida’ (Plut. *Vit. Alex* LV, 1-7, p. 139-140).

Considerando que o texto do RA narra muitas outras aventuras após a morte de Calístenes, ele não poderia ter escrito um relato completo de sua vida e morte, portanto o autor da obra é denominado Pseudo-Calístenes. O mais provável é que tenha existido uma espécie de “editor” do século III EC, que compilou as histórias sobre Alexandre que já circulavam desde sua morte em uma obra final.

O texto, além de outras aventuras lendárias ou improváveis, traz como incontestável a paternidade de Alexandre atribuída a Nectanebo II, último faraó nativo do Egito. Fugindo dos persas, Nectanebo se refugiara na corte macedônica onde teria se passado por um grande feiticeiro egípcio, tornando-se então alvo da atenção e apreciação de Olímpia, mãe de Alexandre, e secretamente pai biológico de Alexandre, dando então continuidade à linhagem de sangue dos faraós.

Ainda durante a antiguidade, o RA foi reescrito e ampliado várias vezes até resultar em três versões gregas divergentes entre si, identificadas como α , β e γ , cada uma contendo material que difere consideravelmente uma das outras (STONEMAN,

2011, p. 03). No séc. IV EC o texto foi traduzido para o latim, e se espalhou para todas as principais línguas vernáculas da Europa, e mais ou menos na mesma época, o mesmo ocorre no Oriente sendo traduzido para o siríaco, e essa versão tornou-se a matriz das traduções para idiomas do Oriente Médio, da Ásia Central e do Sul da Ásia. Essas traduções deram origem a outras versões, e influenciou outros autores e textos, como os escritores persas Firdausi e Nizami, dando origem a uma famosa versão persa do texto, o *Esikandar-nāma*, que está contido no *Shahnameh*, o Épico dos Reis.

O Romance de Alexandre e o Conto Maravilhoso

Um dos principais temas dos contos maravilhosos é a busca pela imortalidade. Por toda historiografia alexandrina, os esforços de Alexandre para ser adorado como um deus são equiparáveis a essa busca, sendo esse o meio que ele encontra de adquirir a perpetuidade. Os sinais desses esforços ganham força após a visita a Siwa, e ficaram mais claros após a conquista da Pérsia. A ideia de imortalidade de Alexandre ultrapassa as barreiras da historiografia e é um tema tratado no RA, com algumas passagens que mostram Alexandre questionando oráculos sobre seu tempo de vida.

Episódios como o encontro com amazonas, sereias, faunos e centauros; a procura pela água da vida, e a viagem a Terra das Trevas e a Terra dos Abençoados; o mergulho nas profundezas do oceano em um cesto improvisado, são aventuras que estão presentes no RA e fazem parte de um compêndio de histórias que encontram fortes características nos contos maravilhosos.

Os contos maravilhosos são histórias populares de tradição oral caracterizadas por uma fórmula na qual os personagens, os lugares e o tempo são apresentados de modo que, apesar da variação de cultura e autoria, podem ser recontadas ao longo dos séculos, mantendo a mesma essência. Essas histórias podem ser sobre seres mágicos, animais e terminar com uma lição de moral.

Ao longo dos anos, diversos pesquisadores e folcloristas se esforçaram para classificar as estruturas do conto maravilhoso em categorias a partir do estudo de suas formas, como afirma Vladimir Propp: (...) no âmbito do conto popular, folclórico, o estudo das formas e o estabelecimento das leis que regem sua disposição é possível com a mesma precisão da morfologia das formações orgânicas (PROPP, 1984, p. 11).

Propp elenca alguns autores que propuseram fórmulas de classificação que se baseavam nos tipos de contos. Todos eles foram falhos em algum ponto, pois as categorias nunca se enquadravam sem alguma contradição ou exceção. Em *A Morfologia do Conto Maravilhoso* (1928), Propp se dedica a analisar as estruturas do chamado contos de magia, categoria no qual o RA encontra fortes paralelos. Ao invés de classificar os tipos de conto, ele se dedica a categorizar “as partes que o constituem, e as relações destas partes entre si e com o conjunto” (PROPP, 1984, p. 25). Apesar de escrever a partir de um contexto cultural e de contos russos, o argumento que Propp defende se baseia em:

(...) apesar dos cenários diferentes, o que muda são os nomes (e, com eles, os atributos) dos personagens; o que não muda são suas ações, ou funções. Daí a conclusão de que o conto maravilhoso atribui frequentemente ações iguais a personagens diferentes. Isto nos permite estudar os contos a partir das funções dos personagens (PROPP, 1984, p. 25).

A circularidade das recensões e o consumo popular do RA colaboram com a transformação de Alexandre de pessoa para mito em várias culturas. É muito provável que esse processo tenha cooperado para a permanência da lenda ao longo dos anos, principalmente dentro de uma cultura não oficial e de classes subalternas. A regionalização da lenda e as traduções como existem no cenário persa, hebraico, siríaco, árabe, etíope e até francês, apenas corrobora com as características de uma fonte popular bastante difundida e consumida, comparando-se com os evangelhos cristãos durante o medievo (STONEMAN, 1991, p. 2; ZUWIYYA, 2011, p. 19).

À medida que os séculos vão passando, a figura de Alexandre passa por um processo de metamorfose, fazendo com que cada época tenha seu próprio Alexandre. Ele vai desde um general consumado na antiguidade, passando por um servo sábio enviado por deus na tradição hebraica, até um cavaleiro honrado no medievo. Pode-se associar essa mudança à interpretação que a sociedade fez da figura do herói, como afirma Le Goff:

O termo “herói”, que na Antiguidade designava uma personagem fora do comum em função da sua coragem e vitórias sem que por isso ela pertencesse às categorias superiores dos deuses e semideuses, desapareceu da cultura e da linguagem com a Idade Média e o cristianismo no Ocidente. Os homens que a partir de então eram considerados como heróis – sem que este termo fosse empregado – eram um novo tipo de homem, o santo, e um tipo de governante promovido ao primeiro plano, o rei (LE GOFF, 2021, p. 11).

Essa afirmação de Le Goff ganha força com o fato de que as descrições de Alexandre durante o início da era cristã o promovem como um sábio, um servo enviado por Deus, mudando seu status de herói corajoso da antiguidade, para um filósofo erudito que possibilitou a difusão do cristianismo. Já durante o período moderno, o cavaleiro nobre se converte em herói popular, visto os ideais da aristocracia cavaleiresca ligados à coragem, à eficácia militar e à lealdade. Sendo assim, essas figuras receberam por parte das camadas populares uma acolhida extremamente favorável (BURKE, 2010, p. 120-121).

Sobre a estrutura do conto maravilhoso, Propp destaca que as funções representam a parte fundamental do conto e não o personagem em si, pois personagens podem existir em diversos contextos, mas as funções são limitadas. Sobre o conceito e a relevância de função, ele diz:

Por função, compreende-se o procedimento de um personagem, definido do ponto de vista de sua importância para o desenrolar da ação. (...) Os elementos constantes, permanentes, do conto maravilhoso são as funções dos personagens, independentemente da maneira pela qual eles as executam. Essas funções formam as partes constituintes básicas do conto (PROPP, 1984, p. 27).

Segundo Propp, todo conto maravilhoso começa a partir de uma situação inicial. Essa situação é bem definida, com os personagens vivendo em um cenário específico,

num tempo e lugar não necessariamente delimitados. Após a descrição da situação inicial, enumera-se os membros da família, ou futuro herói, por simples menção ao seu nome ou a indicação de sua situação.

A partir disso, segue uma amostra ordenada de 31 possíveis funções dos personagens, que ele classifica como “a maior parte dos exemplos possíveis”, mas servem apenas de amostra e não esgotam o material completo. A ordem que as funções aparecem são ditadas pelos próprios contos maravilhosos (PROPP, 1984, p. 31).

Arquétipos do Conto Maravilhoso Aplicados ao Romance Grego de Alexandre

O RA, apesar de fictício, não pode ser taxativamente considerado um conto maravilhoso, visto sua gênese, características históricas e personagens reais. Apesar disso, é notável que a obra contém elementos que aproximam desse gênero literário. A partir dessas especificações, e considerando que nem todas as ações propostas serão comparadas e nem aparecerão na mesma ordem proposta, segue abaixo uma amostra de como partes do RA encontram correspondência na estrutura elaborada por Propp.

Situação inicial: A obra se propõe a apresentar os feitos de Alexandre, suas virtudes de corpo e espírito, boa fortuna e bravura.

Enumeração da família ou do herói: O herói é apresentado: Alexandre é descrito como o rei macedônio, o melhor e mais nobre dos homens. E por fim enumera seus familiares: Alexandre não é filho Filipe II como todos pensam, mas do último rei do Egito, Nectanebo, e de Olímpia do Épiro.

O parágrafo inicial do RA cumpre com todos os requisitos da situação inicial e a enumeração da família, como se pode ver abaixo:

Em nossa opinião, Alexandre, o rei dos macedônios, foi o melhor e mais nobre dos homens, pois fez tudo à sua maneira, achando que sua previsão sempre trabalhou em conjunto com suas virtudes. Quando guerreava contra um povo, o tempo que passava em suas campanhas não era suficiente para quem desejava pesquisar os ares das cidades. Vamos agora falar dos feitos de Alexandre, das virtudes de seu corpo e de seu espírito, de sua boa fortuna em ação e de sua bravura; e começaremos com sua família e sua paternidade. Muitos dizem que ele era filho do rei Filipe, mas são enganadores. Isso não é verdade: ele não era filho de Filipe, mas os mais sábios egípcios dizem que ele era filho de Nectanebo, quando este último havia caído de seu status real (Ps.-Callisthenes, I. 1).

Em seguida é apresentada uma sequência de funções na ordem que geralmente aparece nos contos. Propp finaliza a lista de funções justificando que:

Cabe-nos assinalar, ainda, que algumas ações dos heróis, em determinados casos de contos maravilhosos, não se submetem à nossa classificação, e não se definem dentro de nenhuma das funções citadas. Mas estes casos são muito raros. Trata-se, na realidade, ou de formas incompreensíveis devido à falta de elementos de comparação, ou de formas tomadas de contos que pertencem a outras categorias (anedotas, lendas etc.) (PROPP, 1984, p. 59).

I - Um dos membros da família sai de casa:

Propp destaca que os motivos para esse afastamento podem ser para o trabalho, para a floresta, para dedicar-se ao comércio, ou para guerra a “negócios”. No RA, é a expedição para a Ásia que cumpre esse papel. Nesse segundo tópico, a morte dos pais também é um exemplo de afastamento intensificado. Nesse caso é a morte de Filipe que motiva a expedição de Alexandre até a Ásia, como descreve o parágrafo abaixo:

(...) Com estas palavras, Felipe morreu. Ele recebeu um enterro real com a presença de todo o povo da Macedônia. Quando a cidade de Pela se estabeleceu novamente, Alexandre subiu ao memorial de seu pai, Filipe, e gritou em alta voz: ‘Ó filhos de Pela e da Macedônia, da Grécia e dos Anfictiões, dos Lacedemônios e coríntios, venham agora e tragam-me sua lealdade e confiem-se a mim, façamos uma expedição contra os bárbaros e libertemo-nos da escravidão dos persas. Não é certo que os gregos sejam servos dos bárbaros. Assim dizendo, ele enviou emissários reais a todas as cidades; e por sua própria vontade os homens de todos os lugares se reuniram na Macedônia, como se convocados pela voz de um deus, e preparados para a campanha (Ps.-Callisthenes, I. 24-25).

II - Impõem-se ao herói uma proibição:

Alexandre não deve entrar na Babilônia, pois é lá que a morte o espera. Nessa passagem Alexandre está em terras indianas, na Cidade do Sol. Lá existia um templo com duas árvores, uma chamada Sol e a outra Lua. Assim que Sol se põe, ela lhe dá um oráculo em voz indiana, porém nenhum dos nativos tem coragem de traduzir. Após insistir com todos, eles lhe traduzem aos sussurros que o rei encontraria a morte pelas mãos de um de seus companheiros. A passagem abaixo dá a previsão de que sua morte acontecerá na Babilônia:

Como tinha ouvido o que lhe ia acontecer, entrou e pediu que voltasse a abraçar a mãe, Olímpia. Quando a Lua surgiu, sua árvore falou em grego: 'Rei Alexandre, você deve morrer na Babilônia, pela mão de um dos teus companheiros, e não poderás voltar para a tua mãe, Olímpia (Ps.-Callisthenes, III. 17).

A previsão da morte na Babilônia volta a aparecer quando ele entra na cidade e a interpretação de um mau presságio prevê sua morte como inevitável (Ps.-Callisthenes, III. 30). Por mais que no RA não apareça uma proibição explícita da entrada de Alexandre na Babilônia, como aparece no texto de Diodoro (Diod. Sic.XVII, 112. 1-3), sua morte é claramente associada à sua permanência na cidade.

III - A Proibição é transgredida:

Mesmo com as previsões de sua inevitável morte na Babilônia, Alexandre entra na cidade. Lá ele é vítima da conspiração de Antípatro e seus filhos Cassandro, que leva o veneno da Macedônia até a Babilônia; e Iolas, que lhe serve vinho envenenado, como é descrito na passagem abaixo:

Quando Alexandre estava reclinado à mesa, Iolas trouxe-lhe primeiro uma xícara não contaminada. À medida que a conversa se generalizava e, como resultado da bebida, já vinha acontecendo há algum tempo, Iolau trouxe outra xícara, desta vez contendo o veneno. Alexandre, para seu infortúnio, aceitou e bebeu. Imediatamente ele deu um grito alto como se tivesse sido perfurado por uma flecha no fígado. Ele permaneceu consciente por um tempo e lutou contra a

dor o suficiente para voltar para sua própria casa. [...] Então o ar se encheu de névoa, e uma grande estrela foi vista descendo do céu, acompanhada por uma águia; e a estátua na Babilônia, que se chamava a estátua de Zeus, tremeu. Quando a estrela subiu novamente ao céu, acompanhada pela águia, e desapareceu, Alexandre caiu em seu sono eterno (Ps.-Callisthenes, III. 31-32).

IV - O antagonista procura obter uma informação:

Essa situação se passa logo que ele chega na Síria, após a conquista de Tiro. Alexandre é recebido por enviados de Dario com presentes insultantes e uma carta ameaçadora que ofendia sua pouca idade e grande ambição. Alexandre convida os mensageiros para jantar, e depois os envia de volta à Pela com uma carta resposta que demonstra sua ameaça e sabedoria. Ao ler a carta, Dario se surpreende e busca informações sobre o rei macedônio, como é descrito no trecho a seguir:

Quando este [Dario] leu a carta de Alexandre, viu sua força. Ele os questionou de perto sobre a inteligência de Alexandre e seus preparativos para a guerra. Então, um tanto perturbado, enviou a seguinte carta aos seus sátrapas: “Rei Dario cumprimenta os generais além do Taurus. Dizem-me que Alexandre, filho de Filipe, está em rebelião. Capture-o e traga-o para mim; mas não lhe faça nenhum mal físico, para que eu possa tirar sua túnica púrpura e espancá-lo e mandá-lo de volta ao seu país e para sua mãe, Olímpia [...]”. Os sátrapas escreveram de volta a Dario: “Saudações ao deus e grande rei, Dario. Estamos surpresos que você não tenha notado antes que tantos homens estão marchando contra nós. Enviamos a você alguns daqueles que encontramos vagando, sem ousar interrogá-los antes de você. Venha agora rapidamente com um grande exército, para que não sejamos saqueados pelo inimigo” (Ps.-Callisthenes, I. 39).

VI - O antagonista tenta ludibriar sua vítima para apoderar-se dela ou de seus bens:

Após a derrota das tropas persas em Gaugamela, Dario se encontra sem saída, e através de cartas, propõem algumas trocas com Alexandre, que incluiria ceder alguns territórios em troca de sua família que estava cativa. Alexandre responde que a proposta de Dario não faz sentido, pois os territórios de que ele promete abrir mão já são dele por conquista. A proposta de Dario é descrita abaixo:

Assim Dario jazia, o mais solitário dos homens, que havia sido rei de tantas nações. Mas depois de um tempo ele se recompôs e se levantou. Ele então compôs uma carta a Alexandre, como segue: 'Darius cumprimenta Alexandre, meu mestre. Meu pai que me deu a vida, em seu orgulho, tinha uma grande paixão por fazer guerra à Grécia, insatisfeito como estava com o ouro e as outras bênçãos que herdara de nossos pais. Mas, embora fosse mais rico que Cresos, rei da Lídia, perdeu muito ouro e prata, e muitas tendas antes de morrer, e também não pôde escapar da morte que o esperava. Você, Alexandre, viu boa sorte e desastre; renunciar aos seus planos ambiciosos. Tenha pena de nós, que procuramos você como suplicantes, agora que perdemos toda a nobreza da Pérsia. Devolva-me minha esposa, minha mãe e meus filhos; pense nas ternas esperanças de um pai. Em troca, prometo lhe dar todo o tesouro que está em Mísia, em Susa e em Bactria, que nosso pai guardou para nosso país. Prometo também que você será rei sobre as terras dos medos e persas e das outras nações para todo o sempre. Até a próxima' (Ps.-Callisthenes, II. 17).

VIII - O antagonista causa danos ou prejuízo a um dos membros da família:

É descrito que Antípatro, que ficou como regente na Macedônia enquanto Alexandre estava na Ásia, deixou o poder lhe subir à cabeça, cometendo excessos indignos de sua posição, inclusive maltratando Olímpia, que se queixa ao filho. Como se sabe, o resultado disso é a conspiração que vitima Alexandre. Sobre os abusos de Antípatro com Olímpia, o trecho abaixo descreve:

Na Macedônia, Antípatro assumiu as rédeas do poder e tratava a mãe de Alexandre, Olímpia, como queria. Olímpia escrevia frequentemente ao filho sobre Antípatro, pois estava muito zangada com isso. Finalmente, quando ela estava planejando uma viagem ao Épiro, Antípatro a proibiu de ir. Alexandre, tendo recebido a carta de sua mãe e sabendo em que posição difícil ela estava, enviou Crátero à Antípatro na Macedônia para assumir o controle do país. Ele então decidiu matar Alexandre, pois caso contrário, temia seria preso pela forma como tratara Olímpia (Ps.-Callisthenes, III. 31).

XIV- O meio mágico passa às mãos do herói:

Propp afirma que os meios mágicos podem ser: 1) animais; 2) objetos dos quais surgem auxiliares mágicos; 3) objetos que possuem propriedades mágicas; 4) qualidades doadas diretamente, como por exemplo a força, a capacidade de transformar-se em animal etc. E a forma de transmissão é quando personagens se colocam a disposição voluntária do herói. No caso do RA esse meio pode ser associado aos pássaros com rosto humano que alertaram Alexandre durante sua viagem pela Terra dos Bem-aventurados:

Então vimos uma luz que não vinha do sol, da lua ou das estrelas. Vi dois pássaros no ar: tinham rostos humanos e falavam em grego. “Por que, Alexandre, você se aproxima de uma terra que é só de Deus? Volte, miserável, volte; não é para você pisar nas Ilhas dos Bem-Aventurados. Volte, ó homem, pise a terra que lhe foi dada e não crie problemas para si mesmo”. Eu tremi e obedeci obedientemente à ordem que me foi dada. Então o segundo pássaro falou novamente em grego: “O Oriente está chamando você, e o reino de Porus será submetido a você”. Com essas palavras, o pássaro voou para longe (Ps.-Callisthenes, II. 40).

Durante a visita a um templo em Lyssos, Alexandre novamente é alertado por uma ave:

Também no meio do templo estava pendurada uma corrente de ouro pesando 100 libras e uma coroa de ouro. Em vez de fogo, havia uma pedra preciosa que iluminava todo o lugar. Havia uma gaiola dourada pendurada no teto, e nela havia um pássaro um pouco parecido com uma pomba, que me chamou com voz humana, em grego, e disse: “Alexandre, desista agora de lutar contra os deuses; volte para o seu próprio palácio e não se esforce para escalar os caminhos do céu” (Ps.-Callisthenes, III. 29).

Na historiografia Alexandrina, outras aparições de animais que ajudam Alexandre a atravessar o deserto da Líbia também aparecem, como é o caso das serpentes ureus em Arriano (Arr. Anab. III, 3), e os corvos em Diodoro (Diod. Sic. XVII, 49, 5-6).

XV - O herói é transportado, levado ou conduzido ao lugar onde se encontra o objeto que procura:

Após uma jornada fantástica que envolveu gigantes, feras, grandes crustáceos e uma tentativa de mergulho nas profundezas do mar, Alexandre vai até a Terra dos Abençoados onde encontra a água da vida:

Depois de avançarmos por mais dois dias, chegamos a um lugar onde o sol não brilha. Esta é, de fato, a famosa Terra dos Bem-Aventurados. Queria ver e explorar esta região; pretendia ir apenas com meus servos pessoais para me acompanhar. [...] Eu estava com fome e queria um pouco de pão, então chamei o cozinheiro Andreas pelo nome e disse: “Prepare um pouco de comida para nós”. Ele pegou um peixe seco e entrou na água límpida da fonte para lavá-lo. Assim que foi mergulhado na água, ganhou vida e saltou das mãos do cozinheiro. Ele estava assustado e não me contou o que havia acontecido; em vez disso, ele mesmo bebeu um pouco da água, pegou um pouco em uma vasilha de prata e guardou-a. Todo o lugar estava cheio de água, e bebíamos de seus vários riachos. Aí da minha infelicidade, que não estava fadado a beber da fonte da imortalidade, que dá vida ao que está morto, como meu cozinheiro teve a sorte de fazer (Ps.-Callisthenes, II.39).

XVIII - O antagonista é vencido:

Até esse momento, o antagonista da jornada de Alexandre é Dario, porém ele morre sem um combate direto entre ele (antagonista) e Alexandre (herói). No RA, Alexandre já encontra Dario ferido e quase morto. Ele foi traído por dois sátrapas persas que o acompanhavam em uma fuga. Os sátrapas tentam prender o Grande Rei, mas ele era um homem forte e revidou, fazendo com que os traidores o ferissem mortalmente. As últimas palavras de Dario são retratadas abaixo:

Então Alexandre o encontrou, com sangue escorrendo de seus ferimentos. Ele gritou e começou a derramar lágrimas, lamentando-o como ele merecia; então ele cobriu o corpo de Dario com seu manto. Colocando as mãos no peito de Dario, ele disse estas palavras, cheio de piedade: “Levante-se, rei Dario. Governe sua terra e torne-se mestre de si mesmo. Receba de volta sua coroa e governe seu povo persa. Mantenha seu reino em toda a sua extensão. Eu juro a você pela Providência acima que o que eu digo é honesto e não fingido. Quem foi que te golpeou? Diga-me seus nomes, para que eu possa lhe dar paz” Quando Alexandre assim falou, Dario gemeu e estendeu as mãos para Alexandre, agarrando-o e puxando-o para si. “Alexandre,” ele disse, “não fique muito orgulhoso da glória de sua realeza. Mesmo que o que você conquistou seja divino e esteja pronto agora para agarrar o céu com as duas mãos, pense no futuro. O destino não reconhece reis, por mais poderosos que sejam, e desvia para lá e para cá, sem razão. Você pode ver o que eu era e o que me tornei. Quando eu morrer, Alexandre, enterre-me com suas próprias mãos. Com estas palavras Dario deitou a cabeça no peito de Alexandre e morreu (Ps.-Callisthenes, II.20).

XXIII. O herói chega incógnito à sua casa ou a outro país (ou ao palácio de um rei estrangeiro):

Após um sonho com Amon, Alexandre disfarçado de mensageiro vai à corte de Dario. Ele se veste com as roupas que viu Amon usando em seu sonho, e com seu cavalo atravessa o Stranga congelado:

Alexandre cavalgou e chegou até os portões da Pérsia. As sentinelas, vendo-o vestido como estava, tomaram-no por um deus. Eles o agarraram e perguntaram quem ele era. Mas Alexandre respondeu: 'Traga-me ao rei Dario; é a ele que devo revelar quem sou.' O rei estava fora da cidade treinando suas falanges para a luta contra os macedônios, mas quando voltou e viu Alexandre, admirou-se com figura e "pensou estar diante de um deus do olimpo vestido com roupas bárbaras". [...] Assim dizendo, Dario pegou Alexandre pelo braço e o levou para dentro do palácio. Alexandre tomou como um bom presságio que o tirano o pegasse pelo braço. Quando eles entraram no palácio, Alexandre recebeu o lugar de honra ao lado de Dario na mesa (Ps.-Callisthenes, II.13-14).

Por fim Alexandre é reconhecido e foge discretamente do salão. No RA, essa passagem é o prelúdio da batalha de Gaugamela.

XXVIII - O falso herói ou antagonista ou malfeitor é desmascarado:

Após a morte de Dario, o papel de antagonista passa para Iolas e Antípatro. Iolas é o servidor de vinho de Alexandre e filho mais novo de Antípatro. É através dele que o veneno que vitima Alexandre é ministrado. Nos últimos momentos de vida de Alexandre, Bucéfalo percebe Iolas no meio da multidão e sabe que ele é o culpado:

O escravo traiçoeiro que preparou o veneno e que conspirou contra suas vidas pensou que Alexandre estava morto e veio correndo ver. Quando Bucéfalo o viu, ele abandonou seu olhar taciturno e abatido e, como se fosse um homem racional, até mesmo inteligente – suponho que foi feito pela Providência acima – ele vingou seu mestre (Ps.-Callisthenes, III.33).

XXX - O inimigo é castigado:

Bucéfalo, ao perceber que Iolas é o culpado pela doença de Alexandre, agarra o traidor, o sacode e o dilacera na frente do rei, como é descrito no parágrafo abaixo:

Ele correu para o meio da multidão, agarrou o escravo com os dentes e o arrastou até Alexandre; sacudiu-o violentamente e deu um relincho alto para mostrar que ia se vingar. Então ele deu um grande salto no ar, arrastando consigo o escravo traiçoeiro e enganador, e o esmagou contra o chão. O escravo foi dilacerado; pedaços dele escorriam por todos como neve caindo de um telhado ao vento. O cavalo levantou-se, relinchou um pouco e depois caiu diante de Alexandre e deu seu último suspiro. Alexandre sorriu para ele (Ps.-Callisthenes, III.33).

XXXI - O herói se casa e sobe ao trono:

Apenas subir ao trono também é uma possibilidade destacada por Propp, porém enquanto nos contos maravilhosos esse desfecho geralmente finaliza a história, no RA a subida de Alexandre ao trono após a morte de Filipe é parte do início de sua história, como aparece no trecho abaixo que narra sua ascensão ao trono:

Alexandre tinha dezoito anos quando assumiu o reino de seu pai, Filipe. Antípatro, homem inteligente e astuto, pôs fim ao alvoroço causado pela morte de Filipe da seguinte maneira. Ele levou Alexandre para o teatro, vestindo seu peitoral e, com um longo discurso, encheu os macedônios de favores para com Alexandre (Ps.-Callisthenes, I. 26).

O sistema de comparação acima é apenas um breve exemplo de como pode-se enquadrar elementos do RA no esquema proposto por Propp. Outras recensões do

mesmo texto encontram ainda mais correspondências, pois são mais afeitas às aventuras fantásticas, como é o caso da versão siríaca.

Alexandre é uma figura que viveu entre o mito e a realidade. Seus feitos e os relatos tardios lhe garantiram a possibilidade de transitar entre a cronologia de um rei excepcional e as aventuras de um herói predestinado. A Vulgata e o RA serviram de vetor primordial para a difusão dessas representações.

À luz da historiografia atual, Alexandre não é um herói monarquista, um filósofo erudito ou um tirano totalitário. Ele foi um conquistador habilidoso e bem-sucedido, submetido às vicissitudes de seu tempo e status real, mas que soube usar de suas vantagens pessoais e privilégios para alcançar o sucesso.

Referências

- ANSON, Edward. *Alexander the Great: Themes and Issues*. London: Bloomsbury, 2014.
- ARRIANO. *Alexander the Great: The Anabasis and the Indica*. Translated by Martin Hammond. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- BADIAN, Ernest. *Collected Papers on Alexander the Great*. New York: Routledge, 2012.
- BORZA Eugene. N. Introdução. In: BADIAN, Ernest. *Collected Papers on Alexander the Great*. New York: Routledge, 2012. p. 13-19.
- BOSWORTH, A.B; BAYNHAM, E.J. *Alexander the Great in Fact and Fiction*. New York: Oxford University Press, 2000.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DIODORO DA SICÍLIA. *Library of History*, Volume VIII: Books 16.66-17. Translated by C. Bradford Welles. Loeb Classical Library 422. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1963.
- DROYSEN, Johann Gustav. *Alexandre o Grande*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- GREEN, Peter. *Alexandre, o Grande e o Período Helenístico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- HALL, Katherine. *Did Alexander the Great Die from Guillain-Barré Syndrome?* The Ancient History Bulletin (106-128), 2019. Disponível em: <https://ancienthistorybulletin.org/downloads/katherine-hall-did-alexander-the-great-die-from-guillain-barre-syndrome-106-128/>.
- JUSTINO. *Epitome of the Philippic history of Pompeius Trogus*. Traduzido por Rev. J.S. Watson. London: Henry G. Bohn, 1853.
- KROLL, Wilhelm. *Historia Alexandri Magni (Pseudo-Callisthenes)*. Berlin: Weidmannsche, 1926.

- LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Alexandre e César*. Traduzido por Maria de Fátima Silva & José Luís Brandão. Coimbra: Coimbra University Press, 2019.
- PROPP, Vladimir I. *A Morfologia do Conto Maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- PSEUDO-CALÍSTENES. *The Greek Alexander Romance*. Traduzido por Richard Stoneman. New York: Penguin, 1991.
- QUINTO CÚRCIO. *History of Alexander*, Volume I: Books 1-5; Volume II: Books 6-10. Translated by J. C. Rolfe. Loeb Classical Library 368, 369. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1946.
- SANT'ANNA, Henrique Modanez de. *A Fabricação de Alexandre Magno. Habilidade Política e Genialidade Militar nas Fontes Antigas (336-331 AEC)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021.
- STONEMAN, Richard. *Alexandre, o Grande*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- STONEMAN, Richard. *The Ancient Oracles: Making the Gods Speak*. New Haven, CT: Yale University Press, 2011.
- TARN, W. W. *Alexander the Great II: Sources and Studies*. London/ New York/ Melbourne: Cambridge University Press, 1948.
- WOLOHOJIAN, Albert Mugrdich. *The Romance of Alexander the Great by Pseudo-Callisthenes*. New York and London: Columbia University Press, 1969.
- ZUWIYYA, Zachariah D. *A Companion to Alexander Literature in the Middle Ages*. Vol 29. Leiden: Brill, 2011.